

PARA SUSTENTAR A FÉ, NARRAR A FICÇÃO: A ANÁLISE NARRATIVA NA EXEGESE BÍBLICA

VENÂNCIO, Mariana Aparecida.

RESUMO

São diversos os métodos de leitura bíblica atuais, e mais diversas ainda as formas como a **Bíblia** tem sido interpretada nos meios de estudos teológicos e nas comunidades eclesiais. O presente trabalho procura demonstrar como, ao longo dos últimos anos, desenvolveu-se o método exegético da Análise Narrativa e como a aplicação dos recursos literários aos textos bíblicos pode contribuir para que sejam trazidas à luz as verdadeiras intenções de seus autores. Por muito tempo, o caráter literário da **Bíblia** foi negligenciado pela concepção de que a visão do texto bíblico como literatura não poderia coexistir com a fé na inspiração divina das Sagradas Escrituras. Maior ainda é a resistência quando se pretende compreender tais narrativas como relatos ficcionais. Hoje, a Análise Narrativa faz emergir do texto sagrado as mais profundas e sólidas afirmações de fé, que sustentam-se na totalidade das Sagradas Escrituras e na Tradição viva do povo. Nesta afirmação está o que se busca ressaltar e fundamentar com este estudo, no qual, através da análise do trabalho de alguns dos principais estudiosos da área, serão explicitados os principais fundamentos deste método exegético e alguns resultados alcançados em seu exercício.

Palavras-chave: **Bíblia**. Literatura. Análise Narrativa. Exegese bíblica.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo trazer à luz as bases de um dos métodos exegéticos cujos resultados têm se revelado os mais satisfatórios na hermenêutica bíblica atual. O estudo e a valorização da Análise Narrativa fazem-se urgentes neste tempo, em que seu valor é reconhecido, mas seus fundamentos são ignorados por muitos daqueles que estão à frente de grupos de estudo e reflexão bíblica ou são chamados à pastorear uma comunidade eclesial, sendo assim, os principais responsáveis pela interpretação e atualização da mensagem bíblica. O expoente na pesquisa deste método exegético tem sido o crítico literário norte-americano Robert Alter¹, que destaca as principais razões pelas quais o caráter literário da **Bíblia** tem sido negligenciado. Este estudo pretende ser um novo convite a retomar a leitura

¹Na obra: ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

bíblica à luz das ferramentas da Literatura, como uma orientação para aqueles que pretendem conhecer o método em questão, e também como um guia para aqueles que desejam colocá-lo em prática, seja na leitura individual, seja na hermenêutica comunitária da Palavra de Deus. Serão apresentados, portanto, as razões pelas quais a pesquisa bíblica atual tem preferido a interpretação bíblica por este método, seus fundamentos, segundo o estudo de Jean Louis Ska² e os principais passos que direcionam a análise de uma narrativa.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada na referida pesquisa é a de revisão e consulta da bibliografia acerca do tema. Serão considerados os estudos dos principais biblistas e críticos literários cujo trabalho concentra-se nesta área, e analisados alguns trechos da Sagrada Escritura para efeito de exemplificação dos resultados abordados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde suas origens, a **Bíblia** é, em todo o mundo, associada à fé. Ela representa, para aqueles que creem, a mensagem viva, eficaz e atual que Deus dirige àqueles que são chamados a constituir seu povo (cf. Hb 4,12). Seus autores, portanto, foram inspirados pelo Senhor para registrarem a memória de seu povo, narrarem suas histórias, proferirem seus oráculos e principalmente, para que fossem capazes de fixar pela escrita, a verdade divina que precisava subsistir e ultrapassar as barreiras de tempo e espaço. A leitura e a interpretação bíblica estiveram durante muito tempo pautadas unicamente neste dado da revelação e da inspiração, e orientadas ao desvelamento da verdade revelada pela Escritura. Tal direcionamento impediu, em muitos casos, que a **Bíblia** fosse compreendida como a literatura que é, com suas particularidades e com os diversos recursos dos quais utilizaram-se seus autores. Falar das narrativas sagradas como literatura, ainda mais como ficção, no contexto da hermenêutica bíblica foi, por muito tempo, uma afronta à fé na Escritura como palavra inspirada por Deus.

Basta uma desatenta leitura para perceber que a **Bíblia** apresenta uma diversidade de gêneros literários. É necessário, portanto, que ela seja abordada com

²Em seu estudo: SKA, Jean Louis. Sincronia: a análise narrativa. In: SIMIAN-YOFRE, Horácio. **Metodologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2000.

a mesma diversidade de recursos e ferramentas, adequadas a cada gênero. Não basta apenas considerar de modo crítico o contexto histórico ao qual pertence uma perícopes, reconhecer em sua essência o sentido de cada palavra utilizada ou mesmo apontar as relações de sintaxe intrínsecas a um texto, mas sim um apanhado destas e de várias outras características que o constituem. O texto bíblico só será atual se transmitir ao leitor de hoje a mesma mensagem que o autor sagrado quis transmitir aos seus leitores, mas possibilitando que este lhe dê vida. Segundo Jean Louis Ska, em seu estudo intitulado **Sincronia: a análise narrativa** (2000), “as narrativas dormem até o leitor vir despertá-las de seu sono” (SKA, 2000, p. 124). Cabe ao que lê hoje, entender de que forma esta mensagem pode lhe falar, em consonância com os pressupostos de sua cultura, no contexto histórico em que está situado, na vivência de suas relações, e orientado pela fé que professa. Elas não falam por si só, mas dependem da predisposição e do fiel que as interpreta. O Magistério da Igreja destaca o auxílio do Espírito Santo nesta leitura, “que aperfeiçoa sem cessar a fé mediante os seus dons” (DV 5). O leitor tem, assim, um papel indispensável para a Análise Narrativa, que procura analisar cada texto como parte de uma obra maior, sem perder de vista suas relações e interdependências, para que, aproximando-se da **Bíblia** com as ferramentas adequadas à literatura que ela é, possa fazer dela emergir o sentido correspondente ao pretendido pelos seus autores.

A origem da preocupação em entender a **Bíblia** segundo seus elementos literários deu-se com Erich Auerbach, que publica **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental** em 1946. Vários autores seguiram desenvolvendo sua abordagem, como analisam Júlio Zabatiero e João Leonel, na obra **Bíblia, literatura e linguagem** (2011):

“A valorização da Bíblia enquanto obra literária pelos biblistas despertou, em contrapartida, a atenção de alguns críticos, para mencionar apenas aqueles com textos publicados em português, que passaram a estudá-la como tal. Podem ser citados Jack Miles, Haroldo de Campos, Robert Alter, Frank Kermode – os dois últimos tendo sido editores de uma obra em conjunto –, Northrop Frye, Geraldo Holanda de Cavalcanti e Harold Bloom” (ZABATIERO, LEONEL, 2011, p. 30).

Atualmente, a pesquisa nesta área tem como principal expoente o crítico literário norte-americano Robert Alter, cujos resultados principais encontram-se publicados em sua obra **The art of biblical narrative** (1981) já traduzida para o português no ano de 2007. A emergência de não poucas obras nesta área não

coincide com a valorização do método enquanto forma principal de leitura da **Bíblia**. Ainda existe a resistência já mencionada e a preferência por outros métodos exegéticos. Esta pesquisa não pretende, no entanto, deter-se sobre as razões negativas deste desinteresse pelo estudo literário da **Bíblia**, mas sim, apontar algumas de suas várias contribuições, de modo a despertar as mentes para a valorização deste modo de leitura e exegese.

É possível ler a **Bíblia** segundo os princípios da literatura sem que precise ser deixada de lado a fé na inspiração e na verdade transmitida pelos textos sagrados. Fé, revelação e inspiração são conceitos que podem e devem coabitar no estudo literário da **Bíblia**. Faz-se necessário despertar a consciência de que a Literatura não é um dos aspectos do texto bíblico, mas seu elemento constitutivo. Como afirma Robert Alter:

“Em vez de considerar o caráter literário da Bíblia como um de seus muitos ‘propósitos’ ou ‘tendências’, prefiro insistir na ideia de uma fusão completa de uma arte literária com um modo teológico, moral ou histórico-filosófico de ver o mundo, sendo que a plena percepção do segundo depende do pleno entendimento da primeira” (ALTER, 2007, p. 38).

O método da Análise Narrativa tem sido apontado no contexto dos estudos bíblicos como aquele que ajuda a revelar com maior segurança a mensagem que os autores sagrados desejavam transmitir com suas narrativas. Neste estudo, seguir-se-á a proposta de Ska (2000, p. 135-147) que define algumas etapas para a análise do texto, enumeradas da seguinte maneira: 1. Análise da trama; 2. As subdivisões da trama; 3. Os personagens ou atores; 4. Narrador, narração e leitor; 5. Ponto de vista. De forma breve e prática, serão detalhadas cada uma destas etapas, para assim, possibilitar o entendimento e prática do método.

4 CONCLUSÃO

Pode-se inferir das considerações até aqui estabelecidas que o método da Análise Narrativa tem muito a contribuir para os estudos bíblicos atuais e que se faz urgente seu maior conhecimento e sua popularização entre as pessoas que frequentemente leem a **Bíblia**. Tal leitura com um olhar literário se faz necessário porque é inerente à sua condição, e pode trazer novas luzes sobre a exegese bíblica. É possível traçar um esquema que norteie a aplicação do método, através

do seguimento de algumas etapas que facilitam a compreensão de todos os aspectos literários do texto. Com a referida explanação, espera-se contribuir para que a Análise Narrativa torne-se um método mais acessível e mais conhecido entre os que se interessarem por uma leitura bíblica na qual o leitor tem papel ativo e fundamental na emergência da verdade e da revelação contidas nas Sagradas Escrituras.

REFERÊNCIAS

ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA DEI VERBUM. In: **Compêndio do Vaticano II**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LEONEL, João; ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Bíblia, literatura e linguagem**. São Paulo: Paulus, 2011.

SKA, Jean Louis. Sincronia: a análise narrativa. In: SIMIAN-YOFRE, Horácio. **Metodologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2000.

DE SANTO ANTÔNIO DO PARAIBUNA À JUIZ DE FORA:

CIDADE DE FÉ.

ALMEIDA, Rosiléa Archanjo de.

RESUMO

A presente pesquisa intitulada “De Santo Antônio do Paraibuna à Juiz de Fora: Cidade de fé” exhibe um apanhado histórico desde as primeiras manifestações da fé católica no povoado que originou a cidade de Juiz de Fora/MG, por volta do ano 1701. A capela de Santo Antônio de Pádua motivou o primeiro nome do arraial, Santo Antônio do Paraibuna, popularmente chamado de Santo Antônio da Boiada. Posteriormente a localidade passou a se chamar Juiz de Fora. Demonstramos neste trabalho a influência da Igreja Católica na construção da história juiz-forana. Sabemos que o município por ter sua ascensão no final do período barroco (século XVIII) e distante da então capital do estado (Vila Rica), não carregou características próprias desse período que marcou Minas Gerais. Analisamos, contudo, que Juiz de Fora conserva e preserva até hoje a sua fé católica, mantendo sua presença por mais de 275 anos através do alcance religioso social local, sendo 92 anos sobre a formalidade de Arquidiocese fundada em 1º de fevereiro de 1924.

Palavras-chave: Igreja Católica. Arquidiocese. Juiz de Fora. Fé. Santo Antônio.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa analisar a influência da Igreja Católica na composição da cidade de Juiz de Fora, além de realizar uma sinopse histórica do município. Objetivamos contribuir para os trabalhos em torno da história da Arquidiocese e da cidade, servindo de futura fonte sobre o assunto em questão.

Verificamos que a presença da Igreja Católica no município está mesclada com a narração da própria história da cidade. Iniciamos nosso trabalho recordando a construção do Caminho Novo que ligaria Borda do Campo (Barbacena) à Raiz da Serra (RJ), por volta do ano 1701. Nesse trajeto, em 1713, surgiu o então povoado que originou Juiz de Fora, ao redor de uma pequena capela dedicada a Santo Antônio de Pádua, em terrenos da Fazenda de Antônio Vidal, como recorda a revista “Aspectos Religiosos nas etnias pioneiras em Juiz de Fora” (2014, p.3).

Em texto escrito para o catálogo da 1ª Exposição de Arte Sacra e História da Arquidiocese de Juiz de Fora (2011, p. 13) o atual arcebispo metropolitano Dom Gil Antônio Moreira acredita que “Até mesmo o fato de o nome do requerente ser homônimo ao de Santo Antônio nos sugere uma homenagem ao Santo, prática comum nesta época, o que nos remete a uma certa ‘hereditariedade’ da fé”.

A capela em questão passou por mudanças de local e de estrutura física, acompanhado o desenvolvimento da cidade. Transformou-se em matriz, e se fixou na Avenida Barão do Rio Branco, onde hoje se encontra a Catedral Metropolitana.

Ratificamos que a identidade religiosa foi mantida mesmo ao trocar o nome inicial do povoado de Santo Antônio do Paraibuna para Juiz de Fora. Entretanto, “[...] a escolha do nome evidencia a tendência de relegar ao esquecimento o núcleo original do povoado na outra banda do rio³, onde localizava-se a fazenda do Juiz de Fora” (TRIBUNA DE MINAS, 1997, p. 14). Nesse local também ficava a primeira capela de Santo Antônio, onde cresceu o povoado ao seu redor.

A presença da Igreja Católica em Juiz de Fora passou por aspectos distintos com a chegada dos imigrantes, vindos para auxiliar na construção urbana da cidade. Havia entre os colonos, fiéis católicos, luteranos e metodistas. Evidentemente, os católicos contribuíram para o crescimento da Igreja. Foram responsáveis por arquitetar diversos templos. Temos como exemplos: o Colégio Santa Catarina, a Igreja Greco-Melquita, a Igreja de Santa Rita, construída por Pedro Scapim, a paróquia de Nossa Senhora de Lourdes⁴ em Creosotagem (atual bairro Francisco Bernardino), arquitetada por Salvador Notaroberto (Salvatore Francesco Antonio Notaroberto) (TRIBUNA DE MINAS, 1997, P. 118).

Já os protestantes, disputaram o “rebanho juiz-forano”, mas mesmo assim, a Igreja Católica demonstrou sua capacidade de influência e competição, quando, por exemplo, fundou instituições educacionais, para concorrer com a escola metodista.

A preocupação [dos católicos] aumentou com a chegada dos metodistas ao município, atraídos pela imagem liberal da cidade – campo propício à disseminação dos princípios orientados para a valorização do trabalho, do racionalismo e da eficiência, ideias que seriam propagadas, no Brasil, nos templos e escolas metodistas (TRIBUNA DE MINAS, 1997, p. 71).

³ O Rio Paraibuna corta a cidade de norte a sudeste. A primeira capela de Santo Antônio localizava-se na região sudeste, entretanto fixou-se na região central, acompanhando a mudança na ocupação urbana da cidade.

⁴ A Igreja de Nossa Senhora de Lourdes segue a arquitetura semelhante à da existente em Portugal, embora o arquiteto da igreja juiz-forana tenha sido um italiano.

Dessa maneira, a Igreja Católica contribuiu também para a catequização de uma nova sociedade juiz-forana, pautada nos bons costumes e na fé católica.

Para alguns historiadores os juiz-foranos não possuíam tanto afincamento religioso. Vimos isso, como uma contradição, ao lembrarmos que o município surgiu a partir da devoção a Santo Antônio, em uma capela no bairro homônimo.

Em 1850, Juiz de Fora foi elevada a categoria de cidade, e aproximadamente trinta e cinco anos depois, já era conhecida como “Manchester Mineira”, uma comparação com a cidade inglesa, referência nos aspectos industriais e culturais. Sabemos que como toda a região da Zona da Mata, Juiz de Fora cresceu à margem da mineração e do modo de vida barroco, tendo seu desenvolvimento no final desse período, e distante dos municípios mineiros que carregaram tais características. Aqui conviviam católicos, protestantes, espíritas, maçons, liberais, republicanos, monarquistas, e por mais que houvesse desordens entre eles, a cidade se mostrava aberta ao debate de ideias.

Com a fundação da Arquidiocese em 1º de Fevereiro de 1924, a Igreja Católica passou a ter liderança local, já que anteriormente, era subordinada à Diocese de Mariana.

Nos 92 anos da Arquidiocese de Juiz de Fora (2016), passaram por esta Igreja Particular os Bispos: Dom Justino José de Santana (1924-1958), responsável por organizar a estrutura da Igreja na cidade, além de outros valorosos feitos ao município; Dom Geraldo Maria de Moraes Penido, primeiro arcebispo (1958-1977); Dom Juvenal Roriz CSsR (1978-1990), conhecido por seu polêmico bispado; Dom Clóvis Frainer OFMcap (1991-2001) que trouxe seu episcopado mais próximo de todas as classes da sociedade; Dom Eurico dos Santos Veloso (2001-2009) atuante na discussão do ensino religioso no Brasil; Dom Gil Antônio Moreira (2009- até os dias atuais), responsável por avanços na Instituição e promotor do Primeiro Sínodo Arquidiocesano.

Baseamos nossos estudos nos filósofos Weber e Durkheim. O primeiro acreditava que os movimentos inspirados na religião podiam produzir grandes transformações sociais (Ó DEA, apud 2015, meio digital). Em Juiz de Fora vimos nitidamente tal influência do catolicismo, ao estar presente nas mudanças ocorridas ao longo do seu período histórico. No Livro de Ivanir Yazbeck, “Eu me lembro: 350 fotos e curiosidades e personagens que marcaram as últimas décadas da História

de Juiz de Fora, extraídos da memória de 28 cidadãos” (2005), podemos observar tal autoridade na década de 1950:

Eu me lembro dos bairros Cachoeirinha, Pito-Aceso, Cafarnaum, Meligionário, Botanágua, Serrinha, Tapera, Arado, Martelos. Atendendo ao pedido do bispo D. Justino José de Santana, o prefeito Olavo Costa decretou a mudança dos nomes, para Santa Luzia, São Benedito, Santo Antônio, Dom Bosco, São Bernardo, São Pedro e outros mais (2005, p.90).

Já Durkheim, se preocupou com a diferença entre o sagrado e o profano. Para ele há uma natural superioridade do sagrado em relação ao profano, onde os ritos e cerimônias dão um prestígio social especial, sendo a religião um sistema unificado capaz de agregar o povo numa comunidade moral (igreja), um compartilhar coletivo de crenças. O ritual pode ser considerado um mecanismo para reforçar a integração social (2015, meio digital). Juiz de Fora pode observar isso através das ações da Igreja em prol da sociedade, participando de diversos eventos e decisões importantes da cidade.

Sabemos que esta pesquisa é apenas uma contribuição para os trabalhos históricos da cidade e da Arquidiocese de Juiz de Fora. Acreditamos em sua importância por tratarmos de 275 da presença da fé católica na região, que requer estudos e aprofundamento histórico.

2 METODOLOGIA

Para atingir os objetivos desse projeto serão utilizadas análises bibliográficas, entrevistas, coleta de informações sobre a presença do catolicismo e sobre a história da cidade de Juiz de Fora. Dessa forma, a produção em andamento, contará também com pesquisa de campo, para testar as indagações.

O estudo da influência da Igreja Católica na história da cidade servirá para exemplificar e embasar o trabalho.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossa pesquisa ainda está sendo executada. Apresenta-se no estágio de coleta de dados, entrevistas e apanhado de fontes bibliográficas. Junto às análises estamos produzindo o texto com o resultado final do trabalho.

Levamos para a discussão a influência da fé católica em Juiz de Fora, através da participação social da religião em momentos marcantes da história do município.

4 CONCLUSÃO

Até esta fase da pesquisada, confirmamos que a Igreja Católica foi de fundamental importância nas transformações ocorridas na cidade, cumprindo como um dos atores principal dessas mudanças. Isso demonstra o poderio católico presente até hoje no município.

Acreditamos que com o decorrer do trabalho possamos ratificar ainda mais nossos conceitos iniciais, com o intuito de concluir sem dúvidas, os questionamentos que permeiam a influência que a Igreja Católica tem em Juiz de Fora.

REFERÊNCIAS

ARQUIDIOCESE DE JUIZ DE FORA. **Juiz de Fora: nossa História é de fé, nossa igreja tem arte.** Dos Primórdios ao Jubileu áureo da Arquidiocese. Juiz de Fora, 2011.

O catolicismo. Disponível

em:<<http://www.formacaoweb.com.br/ilessons/lay4/licao.php?idLicao=6419>>. Acesso em: 03 Out. 2015.

_____. **Weber e a Religião.** Disponível

em:<<http://www.formacaoweb.com.br/ilessons/lay4/licao.php?idLicao=6419>>. Acesso em: 03 Out. 2015.

_____. **A perspectiva de Durkheim.** Disponível

em:<<http://www.formacaoweb.com.br/ilessons/lay4/licao.php?idLicao=6419>>. Acesso em: 03 Out. 2015.

Aspectos religiosos nas etnias pioneiras em Juiz de Fora. Revista, Juiz de Fora. Funalfa, 2014.

Juiz de Fora em dois tempos. Tribuna de Minas, Juiz de Fora: Grupo Solar, 1997.

YAZBECK, Ivanir. **Eu me lembro:** 350 fotos e curiosidades e personagens que marcaram as últimas décadas da História de Juiz de Fora, extraídos da memória de 28 cidadãos. Editora Ujf, 2005.

UM OLHAR TEOLÓGICO SOBRE A CONTINGÊNCIA HUMANA: A FÉ COMO POSSIBILIDADE AO SER – AÍ

ALVES, Alessandro Tavares

RESUMO

O ser humano é marcado pela contingência, descobre-se enquanto ser – aí. Ele é antes de tudo ser de relação e constrói sua identidade relacionando – se, nesse aspecto ele está em constante diálogo consigo e com o Transcendente. A fé é um qualificativo da existência, enquanto aquela que abre o horizonte de compreensão do homem sobre si mesmo. Ela é apresentada como possibilidade de ser, ou modalidade de ser, haja vista o grande número de pessoas que dizem existir sem ter fé, ou mesmo existirem em detrimento dela. Com efeito, a relação do homem com aquilo que o supera exige dele pressupostos fundamentais para que isso ocorra, neste aspecto a fé é um modo de ser e que diz muito daquele que a possui, bem como também daquele que não a tem como modo de existir. O horizonte de compreensão que se tem a partir do relacionamento do ser contingente, com a fé que pressupõe o Eterno e o Imutável, é cada vez mais necessário de ser explorado.

Palavras-chave: Relação. Contingência. Transcendente. Fé.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem objetivo de pensar o homem como ser contingente, ser de relação, marcado pela historicidade enquanto imerso no espaço e no tempo. Pensá-lo teologicamente em um olhar sobre o homem enquanto ser de relação, ou seja, uma perene possibilidade de ser. Nesse sentido tentar-se-á por esse caminho entender como o homem, ser – aí, relaciona-se com o dado da fé, e, sobretudo pensar a fé como possibilidade efetiva de ser.

O homem, enquanto ser no mundo pode optar pela fé ou não, haja vista o número daqueles que se declaram sem fé nos dias de hoje. Martin Heidegger vai colaborar no que concerne à contingência do homem enquanto ser – aí, ser – no – mundo, *dasein*, Martin Buber colabora na perspectiva da relação como sendo algo necessário para que o ser seja.

Tendo por base esse aspecto existencial, será pensado em seguida o relacionamento desse mesmo homem com a fé revelada tendo as proposições de Karl Rahner como fundamento, na tentativa de responder as seguintes perguntas: como pensar a fé como possibilidade de ser? A relação do homem com O Totalmente Outro?

3 METODOLOGIA

A elaboração desse trabalho se baseará na pesquisa de autores basilares que são coerentes com o tema proposto que é pensar a fé como possibilidade de ser e ainda a relação do ser humano com O Totalmente Outro. O método utilizado será, com efeito, a leitura de autores como Martin Heidegger, Martin Buber, Karl Raner e Joseph Ratzinger

Pensar o homem como ser de relação é de fundamental importância, isso possibilita encontrar respostas sobre ele mesmo, partindo exclusivamente dele. À medida que ele é compreendido como ser – aí, e ser com, abre-se o horizonte de compreensão.

3 RESULTADO E DISCUSSÃO

Reconhecer a contingência tornou-se um imperativo para as ciências que se dedicam a estudar o homem. Percebê-lo como ser falível, limitado, capaz de mudança e sobretudo, finito, não mais é hoje um avanço, mas antes de tudo, uma necessidade para uma honesta análise. Nesse contexto, a teologia não se distingue das demais ciências, pois ela também considera o homem sob a horizontalidade da contingência.

Essa postura teológica ganhou forças após o Concílio Vaticano II que pensou o ser humano na sua integralidade, defendendo sempre o desenvolvimento de todo o homem e do homem todo. Com efeito, mesmo esse texto sendo de índole teológica, ele se valerá tanto da filosofia como instrumento de análise. Sobretudo, para colocar o ser humano como 'objeto' de estudo, como também a fé como 'objeto de estudo', sobretudo, relacionando as duas proposições: fé e homem.

O homem visto como ser – aí, imerso no efêmero, sujeito às mudanças de toda ordem, muda de opinião, muda de crença, muda completamente seu estilo de

vida. Ele é um ser sempre em débito, ou seja, sempre carente, sempre necessitado. Carências estas que se satisfeitas hoje ressurgem amanhã com novas exigências.

O *dasein* é uma explicação para isso, Heidegger pensa-o como sendo um ente que chama a si próprio, é chamado a ser ele mesmo, ser- aí sempre em débito. É um ser lançado ao mundo, lançado no sentimento, ou simplesmente ser – lançado. É ser que se faz presença, nesse sentido, a presença é um modo de existir no mundo

A presença é um sendo, que em seu relacionar-se com esse ser numa compreensão. Com isso, indica-se o conceito formal de existência. A presença existe. A presença é ademais um sendo, que sempre eu mesmo sou. Ser sempre minha pertence à existência da presença como condição de possibilidade de propriedade e impropriedade (HEIDEGGER, 2011, p. 98).

O que o filósofo diz com isso é que o ser, por sua natural condição de contingente, ser de relação, existe de diferentes modos e se faz *pré-sença*. É um ser que precisa decidir, é descobrir o homem em uma constante possibilidade de ser. Descobrimo- se ‘ser – em’. Pensando-se a partir da relação.

Nesse aspecto, tendo por pressuposto essa compreensão do que é o homem, do que somos nós, apraz apresentar a seguinte pergunta: como pensar a fé como possibilidade ao ser aí? Ela é condição de possibilidade para que ele exista? Cada vez de novo percebemos uma sociedade secularizada em que a fé não é mais um imperativo, não é mais tão necessária ao homem moderno.

Ele consegue viver sem ela, isso permite responder que a fé não é condição de possibilidade para a existência do homem. Como então pensar em propor valores imutáveis para o homem contingente, como um constante vir – a – ser? É esse objetivo que este texto possui.

Vai pensar teologicamente o ser humano, à luz das proposições de Heidegger sobre o homem. E usará como base pensamentos de teólogos como Joseph Ratzinger, Karl Rahner. Abordará, com efeito, a estrutura da relação proposta por Martin Buber.

A teologia defende a necessidade da fé como aquela que faz com que o homem se compreenda mais integralmente, enquanto aquela que faz com seja

possível a amplidão do horizonte diante do mistério que é ele mesmo. Neste aspecto, Ratzinger colabora dizendo que a fé

é a opção de ver naquilo que possibilita a realidade como um todo também aquilo que proporciona ao ser humano a sua existência verdadeiramente humana, tornando-o possível como ser humano numa existência humana. Em outras palavras: ter fé significa decidir que no âmago da existência humana há um ponto que não pode ser alimentado e sustentado pelo que é visível e tangível, mas que toca na fímbria daquilo que não é visível, a ponto de este se tornar tangível para ele revelando-se como algo indispensável à existência (RATZINGER, 2007, p. 39).

É necessário pensar a contingência à luz da fé, o eixo teológico para a compreensão da fé e a contingência é a relação. Nessa perspectiva constrói-se toda a reflexão. A relação que é reciprocidade, nela o contingente, o homem, mostra-se e cresce positivamente, na construção de sua identidade. Precisamente assim, a identidade se constrói pela relação.

O relacionar é ontológico ao ser humano, é vocacionado à relação. Sempre está imerso na dinâmica do Eu – Tu. Sobre isso vale esclarecer com Martin Buber

O homem se torna Eu na relação com o Tu. O face – a – face aparece se desvanece, os eventos de relação se condensam e se dissimulam e é nesta alternância que a consciência do parceiro, que permanece o mesmo, que a consciência do Eu se esclarece, aumenta cada vez mais. De fato, ainda ela aparece somente envolta na trama das relações, na relação com o Tu, como consciência gradativa daquilo que tende para o Tu sem ser ainda o Tu. Mas, essa consciência do Eu emerge com força crescente, até que, um dado momento, ligação se desfaz e o próprio Eu se encontra, por um instante, diante de si, separado, como se fosse um Tu, para tão logo retomar a posse de si e daí em diante, no seu estado de ser consciente entrar em relações (BUBER, 2006, p. 68).

Nesse aspecto, fica evidente que a relação é o eixo para compreender a fé e seu relacionar com o homem contingente.

4 CONCLUSÃO

A fé é um modo de relacionamento que o homem estabelece com O Totalmente Outro, e essa relação modifica o seu relacionamento com o outro diferente dele. Ela apresentada como possibilidade ao ser – aí é efetivamente significativa pois é um qualificativo do ser. O modo com que o homem, ser contingente, relaciona com a fé que o liga ao Imutável, Transcendente, diz muito da identidade do ser – aí.

Nesse sentido essa pesquisa colaborou para uma compreensão mais efetiva do homem enquanto ser de relação em todas as dimensões que o envolve.

REFERÊNCIAS

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 10. Ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao cristianismo**: preleções sobre o símbolo apostólico com um novo ensaio introdutório. 7. Ed. São Paulo: Loyola, 2007.